



ENTRE PORTAS E JANELAS DO PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA NOVA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA DA CIDADE DE ITAJAÍ

BETWEEN DOORS AND WINDOWS OF CULTURAL HERITAGE: A NEW PERSPECTIVE ABOUT THE HISTORY AND MEMORY OF ITAJAI CITY.

Carlos Eduardo Ignácio¹
Udesc

RESUMO

Em congresso que se propõe refletir sobre a importância do acesso ao conhecimento da arte para a formação humana, com a temática do “Ensino da Arte para Toda Gente”, o estudo de imagens de portas e janelas do patrimônio cultural local atende aos desafios do acesso ao conhecimento de forma democrática, por estarem presentes e acessíveis no espaço do centro histórico da cidade. O patrimônio cultural da cidade de Itajaí apresenta seis casas que foram salvaguardadas e que trazem o sobrenome das famílias que ali viveram e, esse estudo destina-se a dar visibilidade as imagens das portas e janelas destas casas. O objetivo da pesquisa propõe reflexões sobre as imagens de portas e janelas dos espaços que se transformaram em “lugar de memória” da população itajaiense, na qual essas imagens foram consideradas como vestígios de memória. As reflexões guiaram-se metodologicamente na abordagem qualitativa e nos preceitos dos estudos sobre patrimônio cultural. O resultado enfatiza um descortinar de reflexões sobre as imagens de portas e janelas ao longo da história da arte, e que vivem e sobrevivem no presente. A conclusão do estudo realça um recorte do patrimônio cultural local da cidade de Itajaí, pois esses lugares que bancam redescobertas tornam-se um arcabouço de histórias e memórias.

Palavras-Chave: Casas tombadas de Itajaí. Lugar de memória. História do patrimônio edificado. Preservação do patrimônio cultural. Cidade de Itajaí.

ABSTRACT

In a conference that aims to reflect on the importance of access to knowledge of art for human development, with the theme of “Teaching Art for Everyone”, the study of images of doors and windows of local cultural heritage meets the challenges of access to knowledge in a democratic way, as they are present and accessible in the city’s historic center. The cultural heritage of the city of Itajai presents six houses that were safeguarded and that bear the surnames of the families that lived there and, this study aims to give visibility to the images of the doors and windows of these houses. The objective of the research proposes reflections on the images of doors and windows of spaces that became a “place of memory” for the population of Itajaiense, in which these images were considered as traces of memory. The reflections were methodologically guided by the qualitative approach and the precepts of studies on cultural heritage. The result emphasizes an unveiling of reflections on the images of doors and

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) na linha de pesquisa de Teoria e História da Arte na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Mestre em Gestão de Unidades de Informação no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo) na linha de pesquisa de Informação, Sociedade e Memória na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6639997930089978> - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1207-9882>



windows throughout the history of art, and which live and survive in the present. The conclusion of the study highlights a section of the local cultural heritage of the city of Itajaí, as these places that support rediscoveries become a framework of stories and memories.

Keywords: Listed houses in Itajaí. Place of memory. History of built heritage. Preservation of cultural heritage. City of Itajaí.

INTRODUÇÃO

O artigo retrata um recorte do patrimônio cultural local da cidade de Itajaí/SC, na qual visa estabelecer reflexões sobre as imagens das portas e janelas das seis casas tombadas que levam o sobrenome das famílias que ali viveram – **Casa Bauer, Casa Almeida & Voigt, Casa Malburg, Casa Burghardt, Casa Konder e Casa Lins**, edificadas no final do século XIX e início do século XX.

A cidade de Itajaí por meio da escolha executada do patrimônio salvaguardado apresenta suas histórias e ressignifica suas memórias como tantas cidades colonizadas por açorianos no século XVIII e por alemães no século XIX. Pertence ao litoral norte do Estado de Santa Catarina, banhada pelo Oceano Atlântico e constituída no encontro do rio com o mar.

As **Casas Bauer, Almeida & Voigt** e a **Malburg**, estão localizadas na rua Pedro Ferreira, antiga rua do comércio de Itajaí, denominada assim porque naturalmente as empresas comerciais se instalaram nela, por ser um local estratégico, facilitando a importação e a exportação de suas mercadorias. Essas casas tinham duas fachadas, uma voltada para a rua e a outra para o rio Itajaí-açu, considerado a maior via náutica de comércio da época.

As **Casas Burghardt, Konder e Lins**, se localizam na rua Lauro Muller, antiga rua da praia, espaço de comércio e residências das primeiras famílias que se estabeleceram na, então, Vila do Itajaí. Nos primórdios “[...] chamou-se rua Conde d’Eu, em homenagem ao marido da Princesa Isabel quando visitou a cidade em 1884.” (ROTHBARTH, 2010, p. 103). Após a Proclamação da República, os republicanos da cidade para apagar o que emanasse lembrar a monarquia, denominaram de rua Lauro Muller, pois foi nela que Lauro Muller (1863-1926) nasceu e cresceu, tornando-se o primeiro Governador Republicano do Estado de Santa Catarina.



A presente pesquisa tem como objetivo propor reflexões sobre as imagens das portas e janelas das casas tombadas da cidade, relacionando essas imagens a tantas outras sinalizadas na história da arte. Casas que se tornaram patrimônio cultural local, se transformaram em “lugar de memória”, termo cunhado por Pierre Nora (1993) e compreendido por Le Goff (2013), lugares que os acontecimentos e as experiências se corporificam oferecendo significado a existência. O objeto da pesquisa pode ser apreciado na Fig. 1, apresentando as fachadas arquitetônicas das seis casas, com suas portas e janelas – vestígios de memória da população itajaíense.

Figura 1. As Casas Tombadas da Cidade de Itajaí



Na parte superior, à esquerda – Casa Bauer; ao centro, na parte superior – Casa Almeida & Voigt; e à direita, na parte superior – Casa Malburg. Na parte inferior, à esquerda – Casa Burghardt; ao centro, inferior – Casa Konder; e à direita, inferior – Casa Lins. Fonte: Fotografias do autor (2022).



Segundo Nora (1993, p. 9) “A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer (...) que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”. E por escolha do grupo social da época se eternizaram as seis casas nas duas principais ruas na qual a cidade emergiu. Le Goff (2013, p. 486) contribui afirmando que “[...] O monumentum é um sinal do passado. [...] é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação [...]”, assim as imagens das portas e janelas foram vislumbradas como um vestígio de memória do passado, que faz lembrar.

O corpus documental deste artigo foi concebido a partir de pesquisa em fontes documentais, extraídas de periódicos, sites, livros e principalmente na observância das imagens das portas e janelas das seis casas tombadas da cidade; além dos documentos oficiais salvaguardados no Centro de Documentação e Memória Histórica (CDMH) da cidade de Itajaí. As reflexões guiaram-se metodologicamente na abordagem qualitativa, pois dar-se-á na análise dessas imagens, que servem como testemunhas de um passado, pautado na descoberta e investigação, ampliando o olhar do pesquisador para essa análise, que podem revelar muito mais do que o testemunho tomado exclusivamente como um elemento – portas e janelas.

POR QUANTAS PORTAS ADENTREI

Ao mediar os tempos, os mundos - passado-presente-futuro -, ascende a simbologia da porta, a mesma a que se referiu Choay (2017), e mais do que simbólica, assegurá-la como material, portas que adentramos para conhecer o tempo passado, o mundo velho. A alusão à porta é percebê-la como algo que liga, que medeia e que também fecha, desliga os tempos.

A porta enquanto patrimônio foi abordada na literatura em diversas ocasiões, Choay (2017, p. 111) relata, no ano de 1792, em um discurso de Dussault² sobre a

² Em 1792, na Convenção Nacional - Revolução Francesa -, Dussault realizou um discurso de conservação de ícones patrimoniais, mesmo aqueles que representassem todo ou qualquer tipo de autoritarismo, mas que fossem preciosos para as artes, deveriam ser preservados. Exemplo, a porta de Saint-Denis, mesmo sendo um objeto de ódio pelos homens livres, era uma obra-prima.

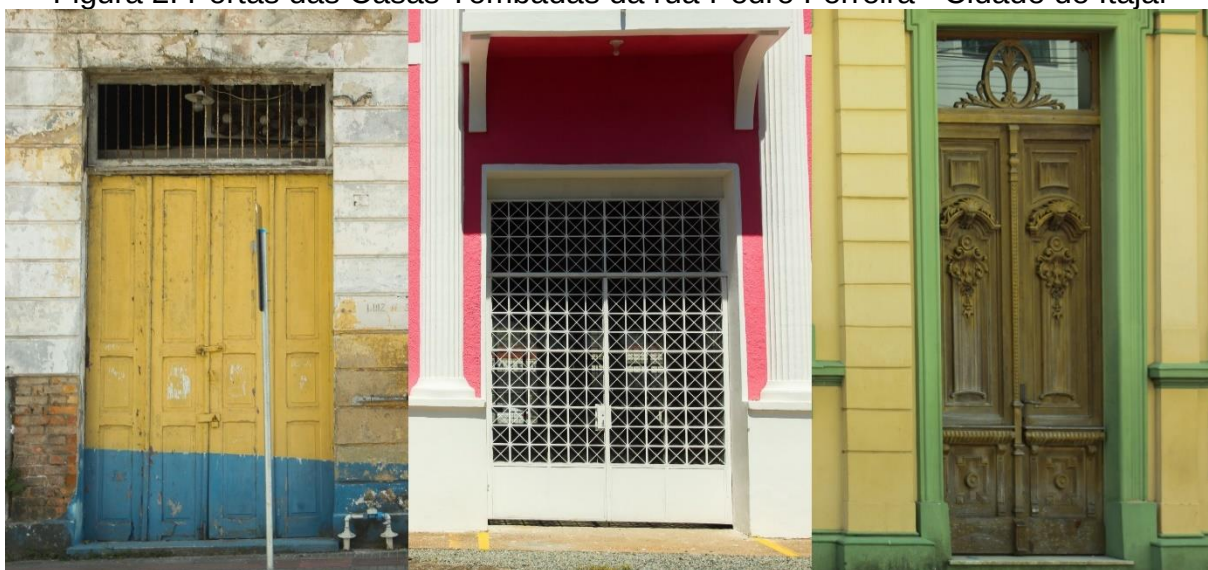


conservação de alguns ícones patrimoniais, a defesa de uma porta: “Fui informado por artistas renomados de que a porta Saint-Denis³ está ameaçada. Dedicada, sem dúvida, a Luís XIV (...), ela merece ódio dos homens livres, mas essa porta é uma obra-prima (...). Ela pode ser convertida em monumento nacional [...]”. No âmbito local, cabe pensar sobre essas portas, o que elas irão nos mostrar, o que elas guardam, o que não fica à mostra, que memórias carregam?

A retórica que se constrói em torno da porta é admirável. A porta “está” ameaçada. A porta “foi” dedicada. A porta “merece” ódio. A porta “é” obra-prima. A porta “pode ser” convertida em monumento nacional. A porta não é isso ou aquilo, ela é isso e aquilo e mais aquilo (...). Como porta e como corpo concreto ela condensa diferentes valores, ancora diferentes significados, múltiplos adjetivos e encarna diferentes funções, inclusive a de ser porta (CHAGAS, 2007, p. 216).

Para apresentá-la no material, podemos observar na Fig. 2 as três portas das casas tombadas da cidade de Itajaí que levam o sobrenome das famílias que ali viveram. Essas casas são situadas na rua Pedro Ferreira, antiga rua do comércio de Itajaí. O mundo velho apresentando ao tempo atual a porta material, visível e também a porta que medeia os tempos, os mundos, por vezes, a porta invisível.

Figura 2. Portas das Casas Tombadas da rua Pedro Ferreira - Cidade de Itajaí



À esquerda – porta da Casa Bauer & CIA; ao centro – porta da Casa Almeida & Voigt; e à direita – porta da Casa Malburg. Fonte: Fotografias do autor (2022).

³ A porta, porte ou portão de Saint-Denis é um monumento parisiense, apresentado em forma de arco, projetado por ordem de Luís XIV para enaltecer suas vitórias, construído em 1672. Sua arquitetura foi inspirada no Arco de Tito, em Roma. Em bronze, traz em latim a inscrição “A Luís, o Grande”.



As portas observadas na Fig. 2 têm uma gama de detalhes empregados, proporcionando por meio delas a sensação de um portal do passado ao presente. Que portas são essas pelas quais precisarei adentrar? “[...] a porta é uma figura da abertura – mas da abertura condicional, ameaçada ou ameaçadora, capaz de tudo dar ou de tudo tomar de volta.” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 234).

Uma outra porta relatada na literatura é a da Igreja de São Miguel, referência encontrada em um artigo publicado no jornal “O Estado de São Paulo”, em 11 de junho de 1937. Tratava-se de um convite que Paulo Duarte teve de Mário de Andrade para realizar uma expedição por São Paulo, a fim de concretizar um inventário⁴ e definir o que deveria ou não ser preservado por meio do patrimônio histórico e artístico do Estado de São Paulo, e no certame desse enredo estava o desaparecimento de uma porta. Segundo Duarte (1938, p. 11), “A porta da sacristia, uma pesada porta de cobre, toda ela trabalhada a mão, documento da tosca, ingênua, suave, deliciosa escultura antiga [...]” (CHAGAS, 2007).

Ao analisar as duas histórias aqui narradas, percebe-se que enquanto a porta francesa se trata de uma narrativa de ameaça e de destruição, no caso brasileiro, trata-se da perda de uma porta. “De um lado, tem-se a porta da perda como porta e de outro, a perda da porta como porta. No caso francês, a porta é ainda um corpo presente, no caso brasileiro, ela é um corpo ausente.” (CHAGAS, 2007, p. 217). Desse modo, pode-se imaginar que a porta não necessariamente precisa ser um corpo presente para evocar memórias, podendo somente ter a ideia deste corpo que é a porta. Chagas (2007, p. 217) complementa que “Pela presença ou pela ausência da porta, enquanto corpo patrimonial, podem ser criativas, produtivas e estimulantes. Pela presença ou pela ausência, pela preservação ou pela destruição [...]”.

A história da arte nos revela inúmeras passagens com a imagem da porta, seja ela como um lugar para não poder passar, como a escultura de Auguste Rodin, no formato de uma porta em bronze, intitulada de “Porta do Inferno”, finalizada em 1917. Esta

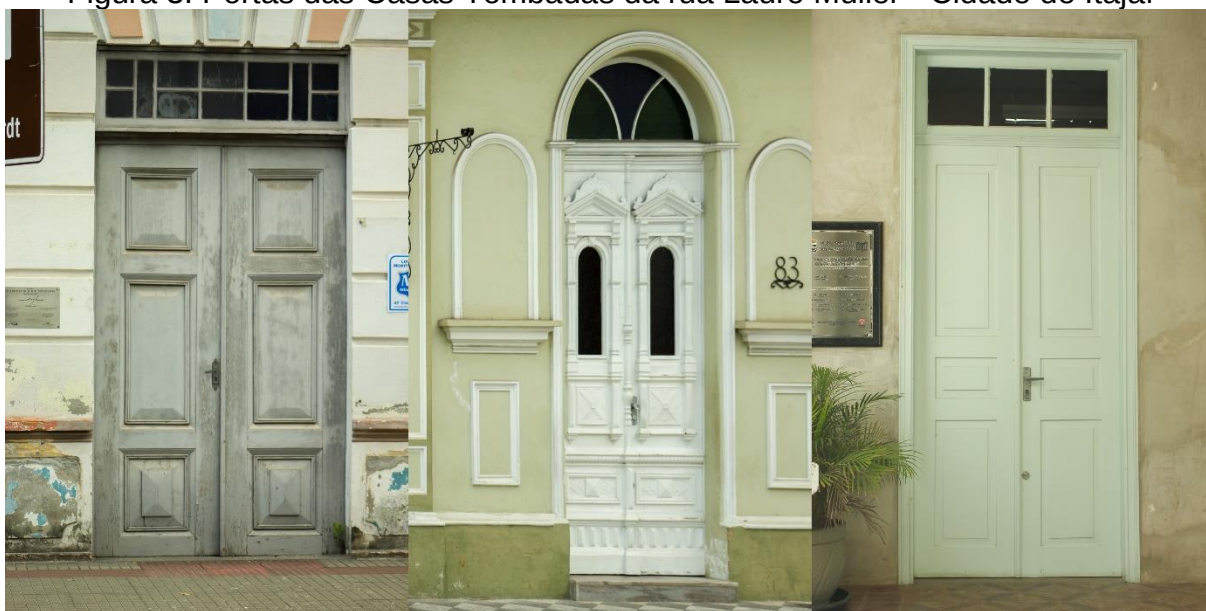
⁴ Esse inventário resultou na campanha: “Contra o vandalismo e o extermínio”, e a discussão sobre a porta desaparecida da Igreja de São Miguel. Em 1938, o material da campanha foi publicado no volume XIX da coleção do Departamento de Cultura de São Paulo.



encomenda fazia parte de um conjunto de portais, a ser instalado no Museu de Artes Decorativas de Paris, o próprio artista optou pelo tema da Divina Comédia de Dante. E, em um lugar para passar, as portas do Batistério de Florença, Lorenzo Ghiberti na terceira porta, denominou de “Os Portões do Paraíso”, a história nos conta que essa denominação tenha vindo de Michelangelo, composta por 10 painéis retratando cenas do Antigo Testamento, totalmente dourada, concluída em 1452.

A imagem da porta observada em diferentes momentos e em distintas finalidades vem ao encontro de pensar como a abertura da porta pode dar acesso ao que é desejado. Assim como corpo presente, observamos na Fig. 3, mais três portas de casas tombadas da cidade de Itajaí que levam o sobrenome das famílias que ali viveram, edificadas na rua Lauro Muller, antiga rua da praia.

Figura 3. Portas das Casas Tombadas da rua Lauro Muller - Cidade de Itajaí



À esquerda – porta da Casa Burghardt; ao centro – porta da Casa Konder; e à direita – porta da Casa Lins. Fonte: Fotografias do autor (2022).

Conforme Didi-Huberman (2010, p. 242), a imagem da porta pode ser analisada como um lugar para passar e como um lugar para não poder passar. “E diante da imagem – se chamarmos imagem o objeto, aqui, do ver e do olhar – todos estão diante de uma porta aberta dentro da qual não se pode passar, não se pode entrar [...]”. No entanto, as janelas das casas pesquisadas trazem esse paradigma, uma reflexão sobre o que



foi e pode se fazer presente nessas janelas e, principalmente, o que foi e pode ser avistado por elas.

POR QUAIS OLHARES DESSAS JANELAS AVISTEI

À luz das reflexões de Zamboni (2001, p. 56), “um objeto observado pelo olho pode remeter a outras imagens formadas a partir do olhar, o qual não é limitação da percepção do objeto em suas características físicas imediatas, o olhar é ir além, é captar estruturas, é interpretar o que foi observado.”. Para ir além, será preciso atentar para os estilos e compreender os discursos apresentados por essas janelas e trazer a interpretação subjetiva, ou não, dos olhares que as famílias tinham por meio delas.

O elemento arquitetônico janela conecta e aproxima as pessoas ao patrimônio, e, por sua vez, a edificação do restante da cidade; ela, por semelhança, lembra o papel da moldura em uma pintura. Se pensarmos na cidade como uma obra de arte, podemos sinalizar os estudos de Argan, que aponta as cidades como lugares de convívio e de suporte para a arte, na qual a arquitetura tem papel primordial, discussão entre o visível e invisível “[...] uma cidade não é apenas o produto das técnicas da construção [...]” (ARGAN, 2005, p. 75), e tais técnicas tornam o espaço urbano visível, em que, é possível observar os valores artísticos existentes. Uma história da arte como história da cidade faz com que a dinamicidade se estruture em contínuos processos de urbanização, em busca de uma “cidade ideal” (ARGAN, 2005).

A pergunta que se apresenta significativa neste momento é: por quais olhares dessas janelas avistei? Com qual obra de arte/cidade me deparei? As janelas molduram a vista da cidade, algo que será preciso vivenciar, revivenciar e constantemente olhar e observar. Desse modo, Merleau-Ponty (2014), aborda o olhar entre o sujeito e o mundo, e analisa essa relação na qual o olho abre o mundo para a alma, e a cidade é esse lugar que celebra as imagens do passado, tornando o contexto ideal para a reflexão entre o mundo e o olhar.

Ao ver a cidade como lugar que celebra as imagens do passado pode dar um prazer especial, estético. Se percebê-la “como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no



decorrer de longos períodos de tempo.” (LYNCH, 2011, p. 01). E são esses períodos, que nos fazem celebrar as imagens do passado, e sempre, segundo Lynch (2011, p. 01), “há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber”, há uma cidade a se conhecer, uma arquitetura a se desvendar, memórias a rememorar.

Outra pergunta que se faz necessária é: como ver aquilo que nos olha? Podemos pensar que somos também observados pela cidade, um espaço urbano contemporâneo que nos olha através da janela do passado. O presente observando o antigo por meio da imagem da janela do mundo velho. Desse modo, é preciso buscar uma análise sobre a imagem, a janela pela qual se olha, mas que também é olhada. Segundo Makowiecky (2017, p. 2070) “é na imagem como noção operatória e não como mero suporte iconográfico, que aparecem as sobrevivências, anacrônicas, atemporais, memórias enterradas e que ressurgem.”. Assim observam-se na Fig. 4, as janelas das casas do centro histórico da cidade de Itajaí, na rua Pedro Ferreira, antiga rua do comércio da cidade, na qual a janela proporciona essa troca de olhares, seja do mundo velho ao contemporâneo, seja do próprio espelhamento que ela proporciona.

Figura 4. Janelas das Casas Tombadas da rua Pedro Ferreira - Cidade de Itajaí



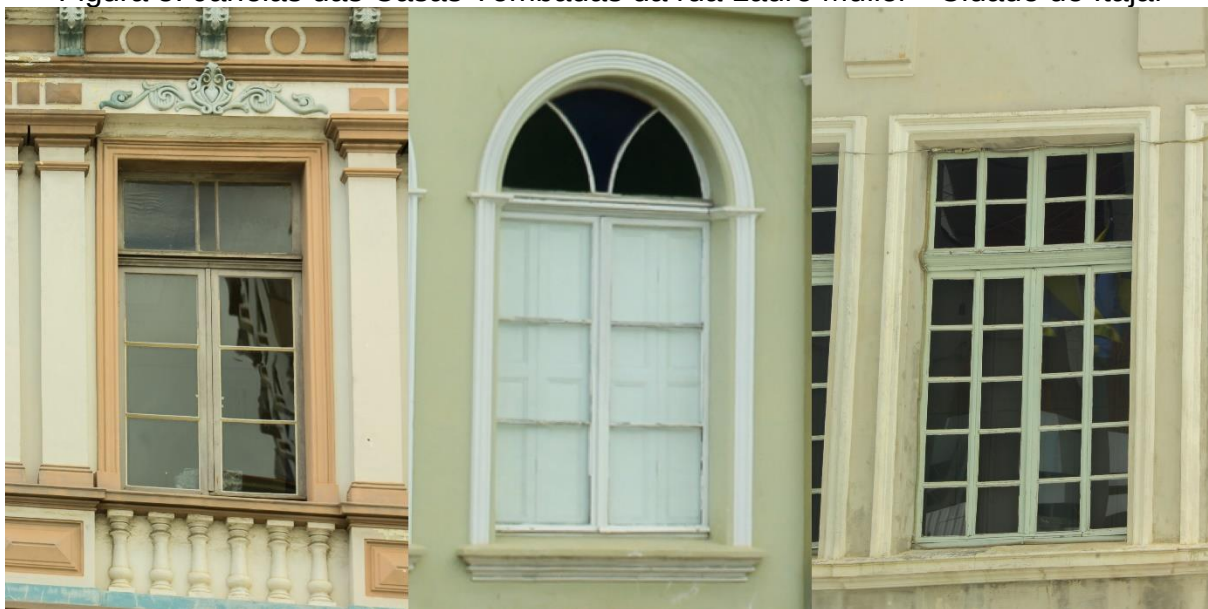
À esquerda – janela da Casa Bauer & CIA; ao centro – janela da Casa Almeida & Voigt; e à direita – janela da Casa Malburg. Fonte: Fotografias do autor (2022).



A imagem da janela se diferencia da porta, em relação ao fato de a porta sugerir a abertura e a travessia do corpo, no entanto, a janela designa o olhar, algo inerente, permite que olhemos. Esse contexto possui duas faces, a que olha para fora e a que olha para dentro. Na que olha para fora, percebe-se que a cidade vive numa total remodelagem, compondo e descompondo a imagem observada nos diferentes momentos do espaço urbano e na face que olha para dentro, observa-se o passado tão presente naquele momento.

Nessa perspectiva, Merleau-Ponty (2014), apresenta uma reflexão sobre o “dentro do fora” e o “fora do dentro”, se pensarmos o espaço urbano da cidade sempre se modificando, entendido como o “fora daquilo que está dentro” pois é a imagem de ver de “dentro” aquilo que está “fora”, no olhar e nos olhares de quem observa por dentro das casas, através das janelas. Consequentemente, esses olhares contrários de quem vê o “dentro” das casas, pelo espaço urbano, apresentam “dentro aquilo que estava fora”. Zamboni (2001, p.54) nos auxilia nesse contexto quando apresenta uma reflexão sobre o ver: “[...] o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado.”. Assim, apresentam-se mais três janelas de casas da cidade de Itajaí, observadas na Fig. 5.

Figura 5. Janelas das Casas Tombadas da rua Lauro Muller - Cidade de Itajaí



À esquerda – janela da Casa Burghardt; ao centro – janela da Casa Konder; e à direita – janela da Casa Lins. Fonte: Fotografias do autor (2022).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As casas tombadas da cidade de Itajaí, como “lugares de memória” auxiliam na elaboração/construção de histórias e memórias, além de proeminentes para a informação na sociedade promovem a aquisição da identidade local quão ao estabelecer conexões com o patrimônio cultural. A ideia de pertencimento corrobora com o espaço construído que permite revisitar o passado e perpetuar pela vivência de memória, novas histórias na contemporânea sociedade itajaiense.

O objetivo da pesquisa proporcionou algumas reflexões sobre as imagens das portas e janelas das casas tombadas da cidade de Itajaí/SC, na qual a porta “[...] constituem um dos aspectos mais significativos da arquitetura exterior e em geral têm papel central na definição do caráter e na função de um edifício – seja público, seja privado.” (COLE, 2011, p. 320). E como função recusa ou permite acessos nestes espaços que se transformaram em “lugares de memória”, pelo qual acessamos o passado, disseminamos a informação para a construção de novas histórias e memórias.

A imagem da janela foi abordada na pesquisa como um elemento que enquadra os diversos olhares, permitindo sociabilidades entre o “dentro do fora” e o “fora do dentro”, permitindo ver através. No contexto artístico podemos vislumbrá-la como moldura que delimita a imagem legítima, viva, modificável e única a cada momento. Epistemologicamente a grafia janela relaciona-se a Jano (Janus), uma divindade romana bifronte, na qual uma de suas faces é voltada para frente, significando o futuro, e a outra, para trás, apreciando o passado, associado enquanto guardião do universo, das entradas e saídas, dos inícios e términos (JORGE, 1995, p. 21-23).

Por fim, recomenda-se futuras intervenções nesses “lugares de memória” que são as casas tombadas da cidade de Itajaí, a fim de ponderar empiricamente suas ações e seu aporte na construção científica no campo da arquitetura, da arte e da memória do itajaiense. O que permite trazer à contemporaneidade a identidade local, cultural e artística da cidade para além da preservação do patrimônio cultural, disponibilizar à sociedade histórias e memórias em benefício do conhecimento científico.



REFERENCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COLE, Emily. **História Ilustrada da Arquitetura**. São Paulo: Publifolha, 2011.

CHAGAS, Mário. Casas e portas da memória e do patrimônio. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, jul/dez. 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/150165>. Acesso: 27 mai. 2023.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

JORGE, Luís Antonio. **O desenho da janela**. São Paulo: Annablume, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2013.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MAKOWIECKY, Sandra. Janelas múltiplas, janelas do olho, espírito da alma, espelho do mundo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26. 2017, Campinas/SP. **Anais [...]**, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017, p. 2056-2083. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Sandra-Makowiecky-2/publication/330587723_JANELAS_MULTIPLAS_JANELAS_DO_OLHO_ESPIRITO_DA_ALMA_ESPELHO_DO_MUNDO/links/5f611a4892851c07896a0535/JANELAS-MULTIPLAS-JANELAS-DO-OLHO-ESPIRITO-DA-ALMA-ESPELHO-DO-MUNDO.pdf. Acesso em: 22 jun. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Edição eletrônica.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva. **Itajaí em crônicas**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.